



AS ESCOLAS DE SAMBA NEGRAS DA PERIFERIA E A HIERARQUIA DO CARNAVAL PAULISTANO: DIFÍCEIS ACESSOS.

GLEUSON PINHEIRO SILVA

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo – Rua do Lago, 876 – Butantã, São Paulo - SP, 05508-080. Graduação em Arquitetura e Urbanismo pela FAUUSP, Mestre em Arquitetura e Urbanismo pela FAUUSP
<https://orcid.org/0000-0002-8159-9240>
gleuson@alumni.usp.br

Recebido: 05/08/2020

Aprovado: 15/02/2021

RESUMO

Este artigo propõe uma reflexão sobre a relação entre a localização das agremiações carnavalescas da cidade de São Paulo e sua posição na hierarquia do carnaval, considerando as transformações pelas quais o carnaval de Escolas de Samba passou, desde a fundação dos primeiros cordões carnavalescos até a atualidade, passando pela institucionalização e incorporação nos eventos oficiais da cidade. Observa-se que os importantes marcos do carnaval aconteceram quando a cidade conheceu intensa expansão da mancha urbana e crescimento populacional e que as Escolas de Samba tiveram importante papel na urbanidade das periferias da cidade.

Palavras-chave: Carnaval, Evolução Urbana, Periferia.

ABSTRACT

This article proposes a reflection about the relationship between the location of the Samba Schools in the city of São Paulo and their position in the carnival hierarchy. It is considering the transformations that the Samba Schools carnival has undergone since the creation of the first carnival groups to the present day, passing through the institutionalization and incorporation in the official events of the city. It is observed that the important transformations of the carnival happened when the city experienced intense expansion of the urbanization and population growth and that the Samba Schools had an important role in the urbanity of the peripheries of the city.

Keywords: Carnival, Urban evolution, Peripheries.



INTRODUÇÃO

A gênese do samba de São Paulo remonta aos ritmos praticados pelos negros escravizados nas lavouras de café do interior do estado de São Paulo. Essa população veio para as lavouras paulistas principalmente no decorrer do século XIX, no contexto da proibição internacional do tráfico de africanos escravizados e o consequente aumento do tráfico interno. Eram proveinentes, principalmente, dos engenhos de cana de açúcar, em processo de decadência, na região que hoje se reconhece como Nordeste (MARTINS, 2010).

No fim do século XIX, intensificou-se a migração de negros para os centros urbanos, devido à progressiva substituição da mão de obra negra na lavoura cafeeira. Dessa maneira, os batuques foram trazidos para a cidade de São Paulo. Durante as primeiras décadas do século XX foram preservados intercâmbios entre os sambistas da capital e os do interior, especialmente nos festejos de Pirapora (MANZATTI, 2005, p.57).

A chegada massiva de negros à capital paulista na virada do século XIX para o XX, contribuiu para a incremento populacional e étnico tanto dos tradicionais territórios afro-brasileiros, como também da futura metrópole como um todo. Enquanto na Festa de Pirapora manteve-se a celebração da tradição rítmica do Estado de São Paulo, ou das manifestações musicais que ainda guardavam relações com o ambiente rural, na capital, introduziam-se transformações decorrentes dos novos referenciais constituintes do ambiente urbano (SILVA, 2011, p.78).

Além disso, assimilavam-se influências das manifestações culturais dos negros da cidade do Rio de Janeiro, especialmente dos cordões que surgiam na capital federal, principalmente nas duas primeiras décadas do século XX. São recorrentes relatos de visitas ao Rio de

Janeiro e acompanhamento das atividades carnavalescas daquela cidade em depoimentos de sambistas paulistas pioneiros como Dionísio Barbosa e Madrinha Eunice, constituintes do acervo digital do Museu da Imagem e do Som de São Paulo (MIS). Dionísio Bar

bosa foi o fundador do primeiro cordão carnavalesco paulistano que perdurou, o Grupo da Barra Funda, em 1914. Deolinda Madre, conhecida como Madrinha Eunice, foi a fundadora do bloco Baianas Teimosas e, posteriormente, da Escola de Samba Lavapés, em 1937.

Mesmo após a abolição da escravidão, em 1888, e com o significativo contingente de negros forros nos grandes centros urbanos, as diversas manifestações lúdicas-recreativas da população negra sofriam repressão. Muitas delas só encontravam um momento menos hostil para sua apresentação no período carnavalesco, convertendo-se eventualmente em manifestações que denunciavam essa situação opressora, como no caso dos Caiapós¹ em São Paulo, ou dos Cacumbis², dos Zé Pereiras e, mais tarde, dos Cordões no Rio de Janeiro.

Clóvis Moura (1980) rebate a argumentação de casuísimo como interpretação para o surgimento de organizações negras:

Essa tendência do negro se organizar não surge por acaso. Os grupos que se identificam na sociedade de classes por um estigma que essa sociedade lhes impôs podem, ao invés de procurarem fugir a essa marca [grifo do autor], transformá-la em herança positiva e organizar-se através de um ethos criado a partir da tomada de consciência da diferença que as camadas privilegiadas em uma sociedade etnicamente diferenciada estabelecem (MOURA In: SINGER & BRANT, 1980, p.144).

¹ Haveria nesse auto dramático uma homenagem dos negros às tribos indígenas mais resistentes a repressão portuguesa. Também é indicativo da indiscriminação entre negros e índios na São Paulo colonial (SIMSON, 2007).

² Os Cacumbis também se constituíam num auto dramático no qual um Pajé ressuscitava o filho do Rei do Congo (BRASIL, 2014).

Na cidade de São Paulo no início do século XX, para manutenção da integração comunitária ou de parentesco entre os negros recém-chegados do interior, era comum a organização de reuniões, festas e eventos, com destaque para a organização da Romaria a Pira-pora do Bom Jesus (BRITTO, 1986; SIMSON, 2007). Geralmente, esses eventos aconteciam na rua, a qual, além de espaço das atividades de trabalho de parte significativa da comunidade negra, era também um importante lugar de conagração. Sobre a situação dos negros no espaço da rua, Florestan Fernandes aponta as dificuldades enfrentadas pelos negros em São Paulo, quando comparadas à outras capitais:

Em regra, nas cidades mencionadas [Recife, Salvador e Rio de Janeiro], foram os serviços associados ao artesanato urbano que deram ao liberto condições de ascensão econômica e social. (...) [Em São Paulo] Quando se acelera o crescimento econômico da cidade, ainda nos fins do século XIX, todas as posições estratégicas da economia artesanal e do comércio urbano eram monopolizadas pelos brancos e serviam de trampolim para as mudanças bruscas de fortuna que abrilhantam a crônica de muitas famílias estrangeiras” (FERNANDES, 2008, e-book).

Assim, a fundação das primeiras agremiações carnavalescas também está ligada a esses eventos festivos e teve importante papel desenvolvido pelas matriarcas negras. Essas mulheres, geralmente responsáveis pelo sustento de suas famílias, constituíam-se em elementos fundamentais para a organização das primeiras agremiações, posto que, muitas vezes, elas cediam o espaço de suas residências para as reuniões e ensaios, ou mesmo organizavam as festas nas ruas de suas casas e delas dependia parte considerável do financiamento³. No pós-abolição era comum famílias negras lideradas por mulheres que tinham mais facilidade de empregar-se nos trabalhos domésticos, com maior segurança de remuneração, quando comparadas aos homens, para

os quais estavam disponíveis trabalhos esporádicos, como carregadores ou manutenção de casas e outras edificações. (SIMSON 2007; FERNANDES, 2008).

É importante mencionar também a relação entre a prática do futebol e a fundação das primeiras agremiações, relação essa que perdurará ao longo da história do samba de São Paulo. A prática do futebol também era uma importante alternativa de lazer e conagração dos negros e as rodas de samba à beira dos campos de várzea também se constituíam em formadoras dos “bataques” das agremiações (DOMINGUES, 2013).

Na década de 1930, as agremiações carnavalescas conquistaram significativo prestígio embaladas pela política de fomento da identidade nacional incluindo algumas manifestações culturais afro-brasileiras. Nesse contexto, o carnaval de Escolas de Samba carioca era divulgado em escala nacional e, à medida que as manifestações paulistanas se assemelhasse ao modelo carioca, também desfrutavam de certo prestígio.

A persistência dos sambistas, a conquista de prestígio e a redução das restrições à realização dos desfiles foram consolidadas com a oficialização do concurso de carnaval em 1968. A subvenção pública converteu-se em um atrativo e estímulo para a proliferação de agremiações. Assim, um tipo de folguedo característico e até mesmo estigmatizado como típico da população negra passou a ser disputado por outros estratos sociais.

A seguir, apresenta-se uma periodização da fundação das agremiações, de acordo com alguns marcos temporais do carnaval paulistano, sobreposta à expansão urbana da metrópole de São Paulo no século XX. Considerando que diversas agremiações carnavalescas foram criadas mas tiveram uma duração efêmera, esses mapas contemplam as agremiações fundadas e que permaneceram até os dias atuais. A exceção são algumas agremiações que marcaram época, como o

³ Madrinha Eunice, em depoimento, relatou que trabalhava, a partir de janeiro até o carnaval, nas 4 bancas de fruta que possuía na Praça da Sé apenas para o financiamento da Escola Lavapés (TV CULTURA, 2007).

Cordão Campos Elyseos — que durante sua existência, pela sua importância, dividiu o protagonismo do período com o Grupo da Barra Funda (Camisa Verde e Branco), e também com a Escola de Samba Primeira de São Paulo — primeira agremiação fundada como Escola de Samba na cidade.

Esse mapeamento considerou os Cordões (percursores das Escolas de Samba), as próprias Escolas de Samba, como também os atualmente denominados Blocos de Fantasia, que são agremiações semelhantes às Escolas de Samba, porém menores e com regras diferenciadas de avaliação no concurso de carnaval. Do ponto de vista do interesse deste artigo, os Blocos de Fantasia têm o mesmo tipo de ligação com as localidades na qual estão sediados.

AGREMIÇÕES CARNAVALESCAS E A METRÓPOLE EM EXPANSÃO.

Em 1914, foi fundado o primeiro cordão carnavalesco que conseguiu se consolidar, o Grupo da Barra Funda, que daria origem à Escola de Samba Camisa Verde e Branco. Até a década de 1930, surgiram agremiações principalmente ligadas aos antigos territórios que concentravam a população negra nas proximidades do centro da cidade.

Nesse período, São Paulo passava por transformações urbanas visando assemelhar a cidade às capitais europeias, como uma demonstração de modernidade e pujança da economia cafeeira. Era o contexto de obras como a Catedral da Sé, iniciada em 1913, e a remodelação do Vale do Anhangabaú de 1915. A cidade, que registrara 240 mil habitantes no censo de 1900, passava a ter cerca de 579 mil em 1920 (IBGE).

As políticas urbanas nas primeiras décadas do século XX, no contexto dessa modernidade desejada para a cidade, concorreram para a expulsão dos estratos sociais considerados inadequados para o desenvolvi-

mento urbano imaginado, nos quais incluíam-se, primordialmente, os negros. Assim, essas políticas trataram não só de expulsar os contingentes indesejados das áreas centrais, mas também de eliminar os espaços e edificações nos quais desenvolviam suas atividades (ROLNIK, 1997, p.106).

Assim, as atividades carnavalescas das agremiações negras eram permitidas através de negociações entre os dirigentes dos grupos e as diversas autoridades da cidade, principalmente as policiais, sendo comum apresentações espaciais na frente das residências dessas autoridades (SIMSON, 2007).

Na década de 1910 surgiram vários grupos carnavalescos, mas que, dada a repressão e demais dificuldades enfrentadas, não conseguiam se firmar. Nesse período, dois cordões mais estruturados perderam e dividiram o protagonismo: o Grupo da Barra Funda (Camisa Verde e Branco) e o cordão Campos Elyseos (CUÍCA & DOMINGUES, 2009; DOMINGUES, 2013).

A partir de 1930, os cordões tiveram um rápido crescimento, influenciados pela atividade carnavalesca dos negros na capital federal, que estava em evidência, o que se refletia nos meios de comunicação, especialmente no rádio (CABRAL, 1998; SIMSON, 2007). Em 1930 foi fundado o Cordão Vai-Vai, o qual também passaria a rivalizar com os dois cordões protagonistas até então. As três agremiações pioneiras estavam ligadas às regiões da cidade onde ainda permanecia significativa presença negra: Barra Funda e Bixiga.

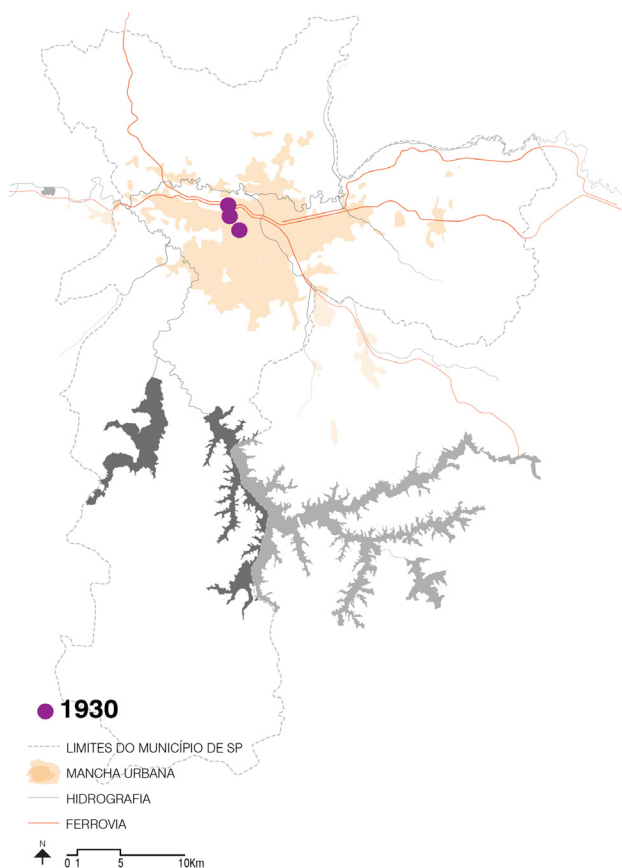
Na década de 1930, por três anos, houve um apoio da administração municipal à organização do concurso de agremiações carnavalescas paulistanas. Edições de fim de janeiro e de fevereiro de 1935 do Correio Paulistano apresentam a convocação para inscrições de um concurso de “blocos, cordões e ranchos” com premiação, promovido pelo jornal e pela “Comissão Oficial”. Uma edição de 1937 fala no “patrocínio” da municipalidade pelo seu Departamento de Cultura” (CORREIO PAULISTANO, 25-01-1937).

A partir da década de 1940, com a expansão da cidade, nos bairros então periféricos da zona norte e da zona leste, foram criadas agremiações carnavalescas relacionadas à população negra que saía da região central, em direção a essas localidades. Mesmo com essa dispersão no território, permaneciam contatos da comunidade negra através das festas comunitárias (especialmente as de celebração do 13 de maio), encontros nos Salões de Raça e através das agremiações carnavalescas, até meados da década de 1950.

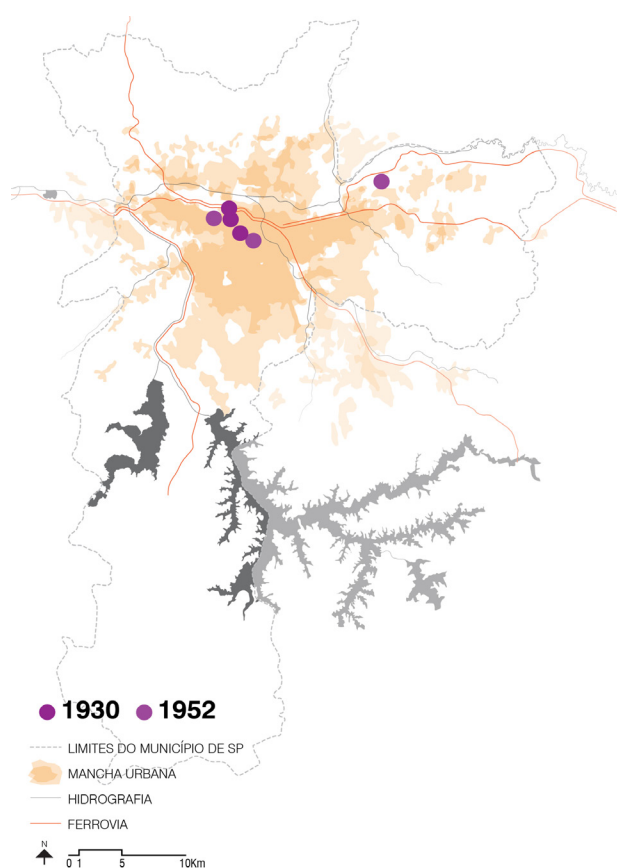
Desde a década de 20, os rapazes e moças negros dos vários bairros da cidade travavam amizades nos bailes dos salões de raça do centro da cidade, e acabavam formando pequenos grupos para se divertir na Cidade da Folia ou no Parque Shangai, para organizar romarias a Pirapora do Bom Jesus, ou, ainda, por ocasião do Carnaval, (...). Esse lazer mais comum, realizado na zona mais central da cidade de São Paulo, propiciava

aos jovens negros, não importando o bairro ou subúrbio em que residissem, o sentimento de pertencer a algo mais amplo do que a própria família ou comunidade de origem. Permitia-lhes construir laços sólidos de amizade e cooperação, além de um certo conhecimento e domínio do espaço central da cidade, tornando-os menos suburbanos do que muitos dos seus vizinhos de origem imigrante (SIMSON, 2007, p.211).

Segundo o censo de 1940, o município possuía 1.326.261 habitantes, um salto de quase 230% em 20 anos. Além dos negros que saíam da região central da cidade, as novas periferias da cidade eram massivamente ocupadas por grandes contingentes populacionais que chegavam a São Paulo, principalmente a partir de 1940. Assim, as Escolas de Samba representavam alternativas de sociabilidade para a população negra expulsa das áreas centrais e também para esses migrantes.



MAPA 1: Mancha Urbana de São Paulo em 1930 com agremiações carnavalescas. Fonte: *Evolução da Mancha Urbana* — CESAD FAUUSP.



MAPA 2: Mancha Urbana de São Paulo em 1952 com agremiações carnavalescas. Fonte: *Evolução da Mancha Urbana* — CESAD FAUUSP.

Em 1952, a cidade expandia-se em novos bairros periféricos, principalmente a norte, a leste e a sul. Já estavam estabelecidas as primeiras conturbações do município de São Paulo com as cidades vizinhas a oeste, a nordeste e a sudeste.

A Nenê de Vila Matilde é a precursora de uma mudança que marcará o surgimento das novas agremiações a partir de então. Fundada por um grupo de amigos sambistas liderados por Alberto Alves da Silva, Seu Nenê — um migrante proveniente de Minas Gerais — a agremiação surge ligada aos encontros dos sambistas no Largo do Peixe (Vila Matilde) e ao carnaval da Vila Esperança, o qual se tornaria um dos mais tradicionais da cidade (SIMISON, 2007; CUÍCA & DOMINGUES, 2009). Assim, a agremiação surge fundamentalmente ligada ao estabelecimento da territorialidade negra nas periferias da cidade, e não mais ligada somente à ida dos sambistas dos territórios negros centrais para as periferias.

O afluxo populacional para a cidade de São Paulo, notoriamente intenso nas décadas de 1950 e 1960, fez crescer novos bairros e aglutinou neles novos moradores das mais diversas procedências: desde aqueles que se movimentavam pela própria cidade, dentre os quais tantos expulsos das áreas centrais em processo de verticalização, quanto migrantes (do interior de São Paulo, dos estados vizinhos, do Norte e Nordeste). Da mesma maneira que no caso anterior, nessa rearticulação nas periferias da cidade há uma intensificação de contatos e um “intercâmbio”, mesmo que involuntário, entre diversas formas musicais: os sambistas entram em contato direto com os cocos, baiões, emboladas e outras criações do Norte e Nordeste; e vice-versa (SILVA, 2011, p.87).

A oficialização foi determinante para o aumento significativo do número de Escolas e Blocos carnavalescos. Porém, deve-se considerar também a intensificação da

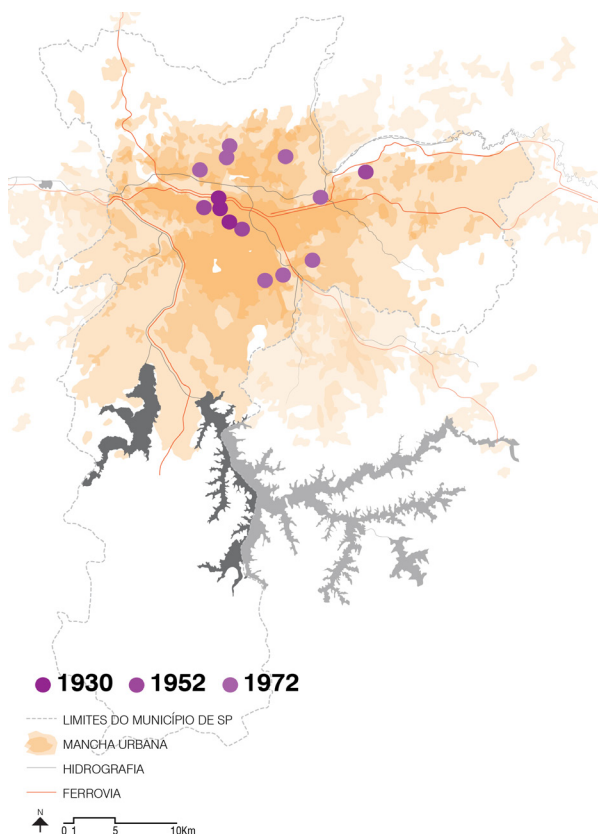
expansão da cidade, explosão demográfica e migração nesse período (FERRARI, 2005; FONTES, 2008), que também demandaram a fundação de diversas novas instituições de lazer e sociabilidade nesses novos bairros.

A partir do marco da oficialização, grande parte das novas agremiações surgiram desvinculadas dos bairros onde a população negra se fazia presente. Nesse contexto, fundaram-se agremiações dirigidas por segmentos brancos com maior interlocução com o poder público e com maior capacidade de atração de recursos extras por meio de patrocinadores privados. Essas Escolas tiveram inclusive facilidades na conquista de espaços e localizações privilegiadas, o que permite explorar de maneira mais lucrativa os seus ensaios. Segundo Geraldo Filme ⁴, a oficialização foi determinante para a aproximação e incorporação de elementos brancos nas agremiações, de maneira significativa, e para que o negro deixasse de ser, necessariamente, o contingente predominante.

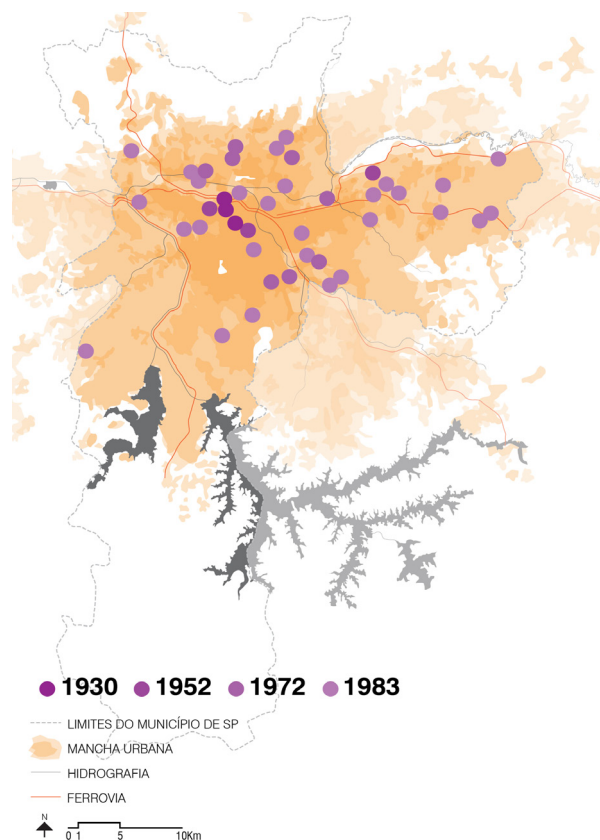
A penetração deles [brancos] começou exatamente a partir de 68. Com a oficialização. Eles começaram a sentir.... Os estudantes começaram a frequentar samba, começaram a frequentar uma roda de samba, uma quadra (...). Lá no Peruche, na época, eu sempre trabalhei com o Plínio Marcos, (...) então os estudantes já iam tudo lá para o Peruche (GERALDO FILME, ACERVO MIS, 1981).

A frequência de universitários nas escolas de samba também expressava mudanças sociais pelas quais o país passava. Esses estudantes universitários compunham, “uma nova classe-média que se inseria no sistema de ensino superior brasileiro em expansão”, interessada em “manifestações artísticas populares” em um comportamento de contraponto ao imperialismo estadunidense, comum à “grande parte do espectro esquerdista” (FERNANDES, 2010, p.155).

⁴ Geraldo Filme (1927-1995) foi um sambista paulista. Em suas composições e depoimentos registrou sua passagem pelos diversos espaços do samba da cidade. “Suas letras permitem compreender a cultura popular de matriz afrodescendente como parte intrínseca da vida cotidiana” (SIQUEIRA, 2019, p.15)



MAPA 3: Mancha Urbana de São Paulo em 1972 com agremiações carnavalescas. Fonte: *Evolução da Mancha Urbana* — CESAD FAUUSP.



MAPA 4: Mancha Urbana de São Paulo em 1983 com agremiações carnavalescas. Fonte: *Evolução da Mancha Urbana* — CESAD FAUUSP.

Assim, a oficialização tem significados ambíguos. Por um lado, representou o reconhecimento da atividade dos sambistas por parte do estado. Desse modo, a destinação da subvenção retirou as agremiações de uma condição marginal e, ao mesmo tempo, atraiu outros segmentos da sociedade para o carnaval de escolas de samba. Por outro, marca o momento em que instituições típicas dos negros passaram a ser atraentes para a população branca.

Em 1970, o município de São Paulo registrara 5.924.615 habitantes, o que correspondia a um aumento de cerca de 150% da população da cidade em uma década (IBGE). Em 1972, já aparece estabelecida a mancha metropolitana com a conturbação do município de São Paulo com os vizinhos em todas as direções, exceto a

norte — devido à barreira natural da Serra da Cantareira — e a sul — devido às barreiras constituídas pela Serra do Mar. A região do extremo sul onde atualmente se encontram os distritos de Parelheiros e Masilac — de mais baixa urbanização do município — estão protegidas pela legislação ambiental desde 1975⁵. Ao longo da intensa expansão da cidade nas demais direções, é possível tecer algumas considerações sobre o refreamento da expansão no sentido sul: a) a expansão baseada no transporte sobre pneus se deu nas direções nas quais estabelecia comunicação com um município vizinho e a Serra do Mar impedia a viabilização dessa comunicação com os vizinhos da Baixada Santista; b) o estabelecimento de Interlagos como bairro balneário para as elites, por um período, bloqueou a ocupação da região pelas camadas populares.

⁵Diário Oficial do Estado de São Paulo: <http://dobuscadireta.imprensaoficial.com.br/default.aspx?DataPublicacao=19751219&Caderno=Poder%20Executivo&NumeroPagina=1>.

Novas agremiações foram fundadas nas periferias norte, leste e sudoeste, indicando a pulverização da população negra nas diversas regiões da cidade. Agremiações da região norte como Vila Maria, Morro da Casa Verde, Unidos do Peruche e Acadêmicos do Tatuapé representam a consolidação dessas áreas da cidade, que deixam de ser periferias e se convertem em centros regionais. Também, durante a década de 1960, consolidavam-se as ocupações do Ipiranga e da Vila Prudente, principalmente nas proximidades do Rio Tamanduateí e seus afluentes. Além disso, o mapa mostra que novas agremiações foram fundadas além do anel constituído pelos bairros do Cambuci, Belém e Brás, bairros que nesse período ainda possuíam muitas fábricas. Por sua vez, nenhuma agremiação estava sediada na região oeste e sudoeste, vetores de expansão ocupados principalmente pelas classes médias e alta da cidade.

Em 1983, já havia se verificado uma intensa ocupação das periferias, as quais haviam expandido fortemente a partir da década de 1970. A mancha urbana chega muito próximo à ocupação atual dentro do município de São Paulo e partir de então passaria a sofrer um grande adensamento. Nesse período são inaugurados os conjuntos habitacionais em Cidade Tiradentes induzindo a urbanização de uma das últimas áreas de ocupação semirrural na região leste da cidade. Assim, a região leste atingia os limites do município e completava a conurbação com todos vizinhos desse lado da metrópole.

Os principais vetores de surgimento de agremiações são ao leste, no eixo da ferrovia, e a sudeste, no eixo do Tamanduateí, ramificando em direção a Vila Prudente e ao Jabaquara. Porém, surgem agremiações inclusive na direção oeste, o que dá a dimensão da mudança de contexto nesse período. Bairros como Vila Madalena (onde havia uma significativa população negra) e Sumaré passam a sediar Escolas de Samba. Também, em 1979, surge uma primeira agremiação na periferia da região sudoeste. Há, ainda, uma concentração de novas agremiações nas periferias noroeste e sul (na região do Jabaquara), de acordo com os dois vetores de expansão urbana nos dois sentidos possíveis para expansão no Município de São Paulo.

A mancha urbana já havia atingido os limites municipais a leste e a oeste, restando apenas norte e sul como possibilidade de expansão. Surgia uma complexa rede de organizações populares, provenientes das conquistas dos Movimentos de Base, bem como as respostas do Estado aos questionamentos acerca do padrão de expansão periférico (BARONE, 2013). Era um momento em que se identificava também a acentuação das desigualdades dentro da própria periferia — até então vista como desigual em relação à cidade servida por infraestrutura, de maneira mais ou menos hegemônica. Essa desigualdade periférica caracteriza o que Marques e Torres (2001) denominaram Hiperperiferia.

Em meados da década de 1980, os desfiles de carnaval do primeiro grupo passaram a ser transmitidos pela televisão. Com isso, a partir da entrada do recurso da televisão, acentuaram-se as desigualdades entre o primeiro grupo e as demais divisões do carnaval. Acentuavam-se também as dificuldades das agremiações da extrema periferia de conquistarem ascensão aos primeiros grupos, tornando-se mais evidente a relação entre a localização periférica e a permanência nas últimas divisões do carnaval.

A década de 1990 apresenta desdobramentos importantes para a transformação dos desfiles de Escolas de Samba. Desde do início das transmissões televisiva dos desfiles paulistanos do primeiro grupo, no ano de 1984, intensificou-se a demanda por um espaço preparado para receber a infraestrutura da TV. Além disso, a experiência da construção dos sambódromos do Rio de Janeiro (1984) seria reproduzida em outras capitais que também tinham desfiles de Escolas de Samba, como Vitória (1987), Manaus (1994) e Porto Alegre (2004).

A mudança dos desfiles da rua para o sambódromo marca um distanciamento entre as Escolas de Samba das primeiras divisões e a cidade, bem como um acirramento das desigualdades entre as escolas do primeiro grupo e das demais divisões. As escolas do Grupo Especial, que já concentravam a verba dos direitos de transmissão e também os patrocínios decorrentes da exposição na televisão, passaram a poder explorar um espaço com infraestrutura mais adequada, inclu-

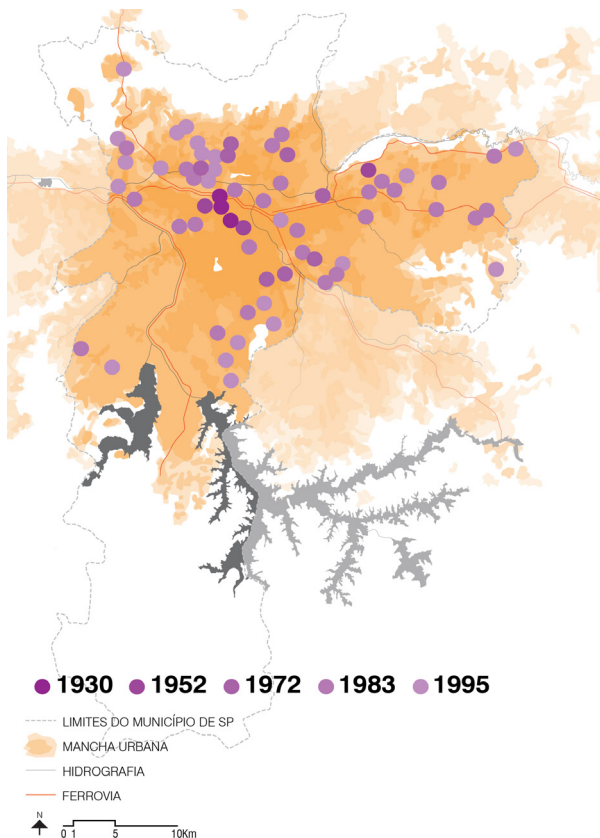
sive para a finalização de alegorias e adereços antes dos desfiles. Por sua vez, as agremiações das últimas divisões lutavam em busca de espaços para ensaios e confecção dos desfiles.

O Sambódromo do Anhembi foi inaugurado em 1991, com o desfile do Grupo Especial, numa passarela ainda inacabada e que sofreu com as chuvas nos dias do evento. Nas palavras de Maria Aparecida Urbano, em entrevista a Belo (2008):

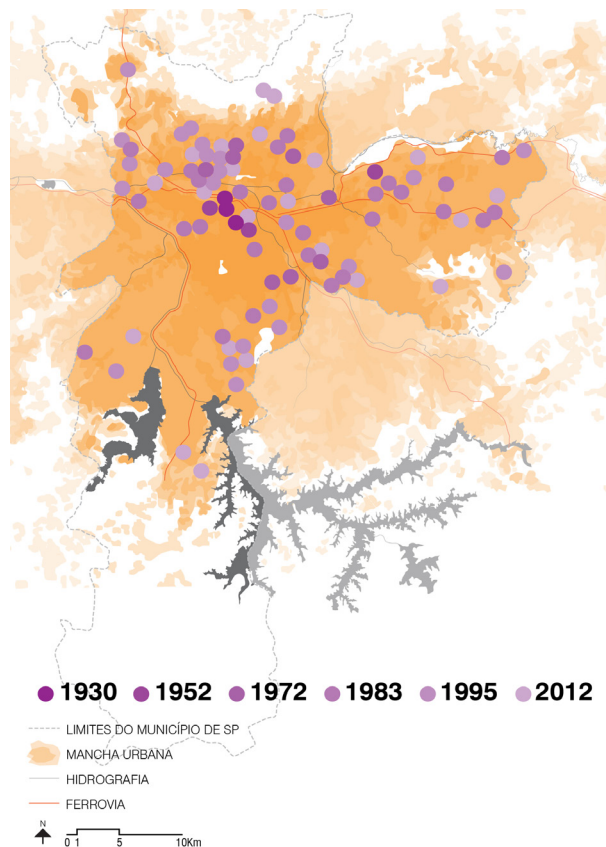
(...) o samba foi jogado lá no Anhembi. Porque ali era uma várzea. Era um terreno vazio que não tinha valor nenhum. Era um terreno excluído. Marginal. E nessa Marginal foi feito aquele prédio enorme para fazer exposições, só. Para a frente ali, não tinha nada. Então, vamos jogar toda negrada lá. Aí o que fizeram? Fizeram uma passarela. Isso foi no governo

da Erundina. Ainda bem! Porque a gente pleiteava tanta coisa. Quando foi renovado o Anhangabaú a gente pretendia que fosse ali, que tivesse um espaço grande para que as escolas no carnaval desfilassem e depois ficasse livre esse vão todo. Não, mas no centro da cidade vai atrapalhar, vamos jogar lá. Ninguém pensou que lá não tem ônibus, não tem transporte mesmo, de jeito nenhum, é difícil mesmo o acesso. Não tem um bar, não tem lanchonete, não tem nada ali. Mas ainda bem que conseguimos esse espaço (URBANO apud BELO, 2008).

Na década de 2000, há uma estabilização da mancha urbana enquanto continua o adensamento. Há um reordenamento no modo de crescimento da cidade, sendo que, até então, os distritos periféricos lideravam o crescimento populacional da cidade. A partir da década de 2000, distritos mais próximos do centro, e que até então apresentavam índice negativo de crescimento, pas-



MAPA 5: Mancha Urbana de São Paulo em 1995 com agremiações carnavalescas. Fonte: Evolução da Mancha Urbana — CESAD FAUUSP.



MAPA 6: Mancha Urbana de São Paulo em 2012 com agremiações carnavalescas. Fonte: Evolução da Mancha Urbana — CESAD FAUUSP.

saram a figurar também nas primeiras posições de crescimento (CENSOS DEMOGRÁFICOS 1990 e 2001).

A maioria das novas agremiações são criadas nos bairros periféricos, principalmente a norte, a leste e a sudeste. Há uma grande concentração de Escolas e Blocos na região da Casa Verde, Limão e Freguesia do Ó, muitas delas como dissidências de agremiações tradicionais, indicando a força da cultura negra baseada no samba nessa região da cidade. Na região leste, as poucas agremiações que surgiram continuaram a se localizar, principalmente, ao longo do mais antigo eixo de expansão da região, os dois ramais ferroviários. A sudeste, as agremiações se distribuíram próximas ao eixo do Rio Tamanduaté, penetrando a partir da Vila Prudente. Para o sul, seguem o vetor a partir do Ipiranga em direção ao Jabaquara.

Assim, é possível verificar que a distribuição de agremiações carnavalescas na cidade não se dá de maneira pulverizada, mas sim concentrada em alguns vetores. A leste, seguem o mais antigo vetor de expansão dessa região, constituído pelas ferrovias. O vetor sudoeste aparece como secundário, a partir do Brás, em direção à Mooca e à Vila Prudente. Em direção ao sul, concentra-se principalmente no eixo Ipiranga-Jabaquara. Essa região, principalmente nas proximidades do município vizinho de Diadema, caracteriza-se por bairros populares e com bastante carências de infraestrutura. Nos últimos anos, surgiram algumas agremiações no extremo sul e sudoeste. Por fim, a região norte é a que possui maior adensamento de agremiações carnavalescas e, por não ter um grande eixo que tenha ordenado a ocupação — como a ferrovia a leste, o Rio Tamanduaté e o complexo viário de ligação à rodovia Anchieta a sul — tem as agremiações concentradas na região da Casa Verde e Limão, em direção à Brasilândia, mas, ainda assim, possui diversas agremiações distribuídas por todos os seus distritos.

Perto do centro e nas primeiras divisões, nas periferias e longe dos primeiros grupos.

Atualmente o carnaval de Escolas de Samba de São Paulo possui 7 divisões, sendo as três primeiras reunidas na Liga das Escolas de Samba (Liga), desfilando no sambódromo, e as demais, reunidas na UESP, desfilando no chamado Carnaval de Bairros que, atualmente, acontece no Butantã e na Vila Esperança:

- Grupo Especial (Liga);
- Grupo de Acesso 1 (Liga);
- Grupo de Acesso 2 (Liga);
- Grupo Especial de Bairros (UESP);
- Grupo de Acesso 1 de Bairros (UESP);
- Grupo de Acesso 2 de Bairros (UESP);
- Grupo de Acesso 3 de Bairros (UESP).

Até o carnaval 2017, a UESP era responsável pelo Grupo I (atual Acesso 2), único grupo da entidade que desfilava no Sambódromo do Anhembi. A migração das escolas desse grupo da UESP para a Liga foi uma movimentação cuja principal justificativa seriam as tratativas a respeito da privatização do Complexo do Anhembi e a suposta necessidade do futuro concessionário de dialogar com apenas uma entidade representante das Escolas de Samba (PORTAL SRZD CARNAVAL: <https://www.srzd.com/carnaval/sao-paulo/mudanca-estrutural-no-carnaval-de-sp-liga-incorpora-grupo-1-da-uesp-agora-acesso-2/>).

Os grupos coordenados pela UESP, concentram maioria das Escolas de Samba localizadas nos bairros mais afastados da cidade. Nesses bairros longínquos, o papel das agremiações é diferente do que se observa nos bairros mais consolidados e melhor servidos de infraestrutura e investimentos. Frangiotti (2007), ao estudar a Escola de Samba Valença Perus, da periferia norte da cidade, aponta que as atividades da Escola não se limitam às ações relacionadas ao carnaval, mas também se inserem em programas assistenciais: na ocasião da pesquisa, a Valença estava cadastrada como ponto de distribuição do programa estadual de fornecimento de leite:

O presidente do Valença solicitou a participação no programa, cedendo espaço da quadra, pois no bairro existem muitas famílias carentes e a Escola, estando num local central, facilita o acesso das pessoas. O leite é recebido por ela e armazenado no freezer do botiquim (FRANGIOTTI, 2007, p.50).

A agremiação apropriou-se de uma área pública sob viaduto no centro de Perus e, apesar da situação fundiária irregular, cobria uma deficiência ou ausência de estrutura física do Governo do Estado na localidade (FRANGIOTTI, 2007, p.40-1).

Esse exemplo da Valença ilustra a recorrência da situação fundiária irregular por parte das Escolas de Samba, apesar da conquista da subvenção estatal regular:

No grupo especial, por exemplo, das 14 escolas, 9 ocupam áreas públicas com suas quadras; no caso dos barracões, apenas uma está instalada em área privada. O acesso [segundo grupo] não é muito diferente, mas já começa a revelar uma dura realidade que fica ainda mais grave quando se analisam os grupos 1, 2, 3 e 4: das oito escolas, seis estão com as quadras em áreas públicas, uma paga aluguel e uma não tem quadra, o que é um complicador da disputa. Nas categorias inferiores, são poucos os casos de escolas que podem contar com quadra e barracão (CENSO DO SAMBA PAULISTANO, 2014, p.27).

As agremiações que de alguma maneira conquistam uma quadra de ensaios e podem desenvolver atividades que permitem não depender apenas da subvenção, têm mais facilidade de ascender dentro da hierarquia do carnaval, ainda que estejam distantes dos bairros mais centrais.

É o caso da Escola de Samba Estrela do Terceiro Milênio, fundada em 1998, no bairro do Grajaú. A agremiação, que tem Milton Leite como patrono (atual presidente da Câmara dos Vereadores de São Paulo), conseguiu uma rápida ascensão dentro das divisões do carnaval paulistano e hoje encontra-se no Grupo de

Acesso 1. A Escola possui uma ampla quadra de ensaios e força política, graças à presença do vereador em seus quadros. Entretanto, a existência de uma agremiação nas primeiras divisões com sede tão distante do sambódromo é uma exceção no carnaval paulistano.

Os desfiles na Vila Esperança são realizados na Avenida Alvinópolis, ao lado da estação Vila Matilde do metrô, que conta com várias linhas de ônibus, tanto do lado da Avenida Alvinópolis quando do lado da Radial Leste. Já o sambódromo do Anhembi está a cerca de 2 km da estação Tietê do metrô e apenas duas linhas de ônibus circulam pela avenida Olavo Fontoura (acesso ao sambódromo). Porém, nos dias de desfiles, a avenida é interditada. Por conta da distância e do isolamento, no sambódromo também são encontradas dificuldades para consumo de bebidas e alimentos. Quem vai assistir aos desfiles fica limitado ao consumo nos comércios internos ao complexo. Nos desfiles no bairro, há a proximidade de bares, padarias e barracas no entorno.

Embora longe do foco da mídia, os desfiles dos grupos da UESP mobilizam um grande número de componentes e propiciam visibilidade às Escolas de Samba nos bairros periféricos onde são realizados, sob uma perspectiva diferente do caráter de espetáculo midiático do Grupo Especial.

É possível analisar também a desigualdade entre as agremiações sob uma perspectiva racial. Pode-se considerar que a definição de Escola de Samba negra não está restrita à sua vinculação aos territórios negros tradicionalmente identificados e que também não se limita a uma análise quantitativa do número de integrantes negros e nem tampouco à tematização da identidade negra em sua produção artística. A Escola de Samba Negra é uma possível identificação para as agremiações que ainda se encontram estruturadas pelo sentimento de comunidade, e que puderam se organizar ou podem se manter como lugar de vivência e sociabilidade em suas respectivas localidades. Elas se contrapõem a todas as Escolas de Samba fundadas sob a

⁶Embora, como visto, a luta pela oficialização foi uma pauta dos sambistas e das Escolas de Samba negras.

égide da institucionalização do carnaval, em 1968⁶, do fomento público do folguedo por meio da distribuição de recursos e da veiculação feita pela televisão, a partir de meados da década de 1980.

Os bairros centrais, tradicionalmente reconhecidos como reduto negro — Barra Funda, Bixiga e Glicério — apenas os dois primeiros têm conseguido manter agremiações nas primeiras divisões do carnaval (Vai-Vai e Camisa Verde e Branco). Ainda assim, há alguns anos a Camisa Verde e Branco está na segunda divisão e não consegue retornar ao primeiro grupo e o Vai-Vai caiu pela primeira vez na sua história para a segunda divisão no ano de 2019. A agremiação do Glicério, a Lavapés, desde a década de 1980, tem ocupado as últimas divisões do carnaval.

Pode-se também distinguir o conjunto de agremiações mais antigas e tradicionais, ligadas à comunidade negra, no qual se incluiria — além do Vai-Vai e da Camisa Verde e Branco —, a Unidos do Peruche e o Morro da Casa Verde. Nesse contexto, a partir da década de 2000, Nenê de Vila Matilde, Camisa Verde e Branco, Unidos do Peruche e Morro da Casa Verde passaram a ter grandes dificuldades de se manter no primeiro grupo. A Nenê de Vila Matilde, a partir da década de 2010, também passou a ter dificuldades.

Ao mesmo tempo, as agremiações fundadas após a oficialização, estruturadas a partir de outros segmentos sociais — e não necessariamente comunidades ou bairros com presença negra — têm dominado o primeiro grupo. Evidentemente, assim como a posição do Vai-Vai no primeiro grupo, que inclusive conquistou alguns campeonatos nos últimos anos, não permite generalizar a situação de crise das agremiações que poderiam ser classificadas como negras, pois, da mesma forma, existem diversas agremiações pós oficialização que também encontram dificuldades de se manterem nas primeiras divisões.

Ainda assim, é possível observar que as escolas que têm conseguido os maiores patrocínios e investimen-

tos para a confecção de seus desfiles e, consequentemente, mais visibilidade nas mídias, são justamente as agremiações não ligadas às comunidades negras, o que permite afirmar que a situação do Vai-Vai no primeiro grupo é uma exceção.

Assim, pode-se concluir que o declínio das agremiações negras dentro da hierarquia do carnaval foi um processo lento, principalmente por conta da capacidade de resistência do Vai-Vai, da Nenê e da Camisa Verde e Branco. Esse processo atravessou as décadas de 1990 e 2000. Por sua vez, a ascensão das novas agremiações ‘brancas’, comparativamente, foi um processo muito mais rápido, que se deu no decorrer da década de 1970 e início da década de 1980.

Ao se olhar os mapas das escolas do primeiro grupo (Grupo Especial) e do último grupo (Acesso 3 de Bairros), a separação centro versus periferia é evidenciada. As escolas do primeiro grupo, de modo geral, encontram-se mais perto entre si, concentradas principalmente nos bairros das zonas oeste e norte, às margens do Rio Tietê. Por sua vez, as agremiações do último grupo localizam-se, principalmente, em bairros da extrema periferia.

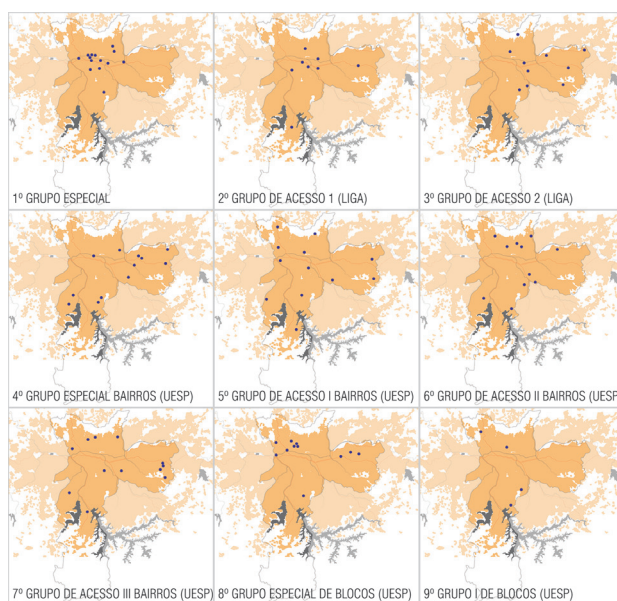


Figura 1: Localização das agremiações carnavalescas na cidade por divisão do carnaval. Fonte: *Evolução da Mancha Urbana* — CESAD FAUUSP

O sexto grupo, Acesso 2 de Bairros, é o único que contraria a lógica de localização das agremiações das últimas divisões. Entretanto, os dois pontos que aparecem localizados na região central são dois casos bastante especiais. Um deles é a Escola de Samba Lavapés, uma das mais antigas agremiações da cidade, desestruturada a partir da saída de muitos moradores negros do Glicério, que fundaram novas agremiações nas novas periferias da cidade onde foram morar. O outro é a Escola de Samba Primeira da Aclimação, fundada no ano de 1980, e que conquistou poucas passagens pelos primeiros grupos do carnaval. Os chamados Blocos de Fantasia também se encontram distribuídos nas periferias, exceto alguns localizados na zona norte, nas proximidades do Rio Tietê.

Pode-se concluir, portanto, que as últimas divisões do carnaval são constituídas predominantemente por agremiações localizadas na periferia da cidade. Essas agremiações, como já mencionado, desempenharam um importante papel na urbanidade dessas localidades, provenientes da intensa expansão da metrópole principalmente nas décadas de 1960, 1970 e 1980. Por sua vez, a maioria das agremiações dos primeiros grupos, também surgidas nesse período de rápido crescimento da cidade, são as que se localizam nos bairros melhor estruturados e que conseguiram melhor se beneficiar das transformações ocorridas no carnaval, a partir da institucionalização.

REFERÊNCIAS

ACERVOS:

ACERVO DIGITAL BIBLIOTECA NACIONAL – HERMOTECNA DIGITAL: <https://bndigital.bn.gov.br/hermoteca-digital/>.

ACERVO SASP - SOCIEDADE AMANTES DO SAMBA PAULISTA: http://www.carnavalpaulistano.com.br/A_CARNAVAIS.asp#.XytDyChKjDc.

DEPOIMENTOS:

Memória do carnaval paulista: Entrevista de Geraldo Filme de Souza. FARO, C. F.; SIMSON, O. V.; PUTTEMAN, P. M. Audio acervo MIS. São Paulo, 1981.

Samba à Paulista: fragmentos de uma história esquecida. Parte 1, 48:12min., TV Cultura – Fundação Padre Anchieta, São Paulo, 2007.

Samba à Paulista: fragmentos de uma história esquecida. Parte 2, 48:35min., TV Cultura – Fundação Padre Anchieta, São Paulo, 2007.

Samba à Paulista: fragmentos de uma história esquecida. Parte 3, 48:43min., TV Cultura – Fundação Padre Anchieta, São Paulo, 2007.

BIBLIOGRAFIA:

BARONE, Ana Claudia C. Periferia como questão: São Paulo na década de 1970. Revista da Pós, São Paulo, v.20, n.33, jun/2013, p.64-80.

DOI:<https://doi.org/10.11606/issn.2317-2762.v20i33p64-85>.

BELO, Vanir de Lima. O enredo do carnaval nos enredos da cidade: dinâmica territorial das Escolas de Samba em São Paulo. 2008. 215p. Dissertação (Mestrado em Geografia) - FFLCH USP, São Paulo. 2008.

BRITTO, Ieda Marques. Samba na cidade de São Paulo (1900-1930): um exercício de resistência cultural. São Paulo: FFLCH-USP, 1986. 114p.

CABRAL, Muniz Sodré. Samba, o dono do corpo. Rio de Janeiro: Mauad, 1998. 111p.

CENSO DO SAMBA PAULISTANO 3ª Ed. São Paulo: São Paulo Turismo, 2014. 136p.

CUÍCA, Osvaldinho e DOMINGUES, André. Os batuqueiros da Paulicéia: Enredo do samba de São Paulo. São Paulo: Editora Bracarolla, 2009. 230p.

DOMINGUES, Petrônio. O “tríduo da loucura”: Campos Elyseos e o carnaval afro-diaspórico. *Revista Tempo*, Niterói, v. 19, n.35, dez/2013, p. 117-142.

DOI: 10.5533/TEM-1980-542X-2013173508

FERNANDES, Dmitri Cerboncini. A inteligência da Música Popular. A “autenticidade” no samba e no choro. 2010. 414p. Tese (Doutorado em Sociologia). São Paulo: FFLCH-USP, 2010.

FERNANDES, Florestan. A integração do Negro na sociedade de classes: o legado da “raça branca”, volume 1 – (5ª edição), São Paulo: Globo, 2008. 440p.

FRANGIOTTI, Nanci. O espaço do carnaval na cidade de São Paulo. 2007. 125p. Dissertação (Mestrado em Geografia) – FFLCH USP, São Paulo, 2007.

MANZATTI, Marcelo Simon. Samba Paulista, do centro cafeeiro à periferia do centro: estudo sobre o Samba de Bumbo ou samba Rural Paulista. 2005. 377p. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – PUC SP, São Paulo, 2005.

MARQUES, E. C.; TORRES, H. G. Reflexões sobre a Hiperperiferia: Novas e velhas faces da pobreza no entorno municipal. *Revista Brasileira de Estudos Urbanos*, Rio de Janeiro, nº 4, mai/2001, p.49-70. DOI: <https://doi.org/10.22296/2317-1529.2001n4p49>.

MARTINS, José de Souza. O Cativo da Terra. São Paulo: Contexto, 2010. 288p.

MOURA, Clóvis. Organizações negras, In: SINGER, Paul; BRANT, Vinicius Caldeira. (Orgs.). São Paulo: o povo em movimento, Petrópolis, Vozes/Cebrap, 1980.

ROLNIK, Raquel. A cidade e a Lei: legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo. São Paulo: FAPESP: Studio Nobel, 1997. 242p.

SILVA, Marcos Virgílio da. Debaixo do ‘progrêssio’: Urbanização, Cultura e Experiência Popular em João Rubinato e outros sambistas paulistanos (1951-1969). 2011. 287p. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – FAU USP, São Paulo, 2011.

SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes von. Carnaval em branco e negro: Carnaval popular paulistano, 1914-1988. São Paulo: UNICAMP, 2007, 390p.

Dados do financiamento da pesquisa: CAPES/
CNPq Programa de Demanda Social — DS.